



RECEPÇÃO BRASILEIRA DE ERIC VOEGELIN *

Brazilian reception of Eric Voegelin

Marcelo de Souza Cleto **

Resumo: O presente artigo debate a recepção brasileira das obras do filósofo e cientista político Eric Voegelin. Atento ao movimento iniciado em 1979 com a publicação de *A nova ciência da política*, o texto apresenta a recepção editorial e o teor geral das obras do pensador traduzidas ao português no Brasil. Concomitante ao recenseamento da bibliografia primária, a investigação examina a bibliografia secundária, identificando a curvatura crítica inicial da recepção brasileira da obra de Voegelin, situada entre as reflexões filosófica de Lima Vaz e sociológica de Guerreiro Ramos.

Palavras chaves: Eric Voegelin. Recepção brasileira da obra.

Abstract: The present article discusses the Brazilian reception given to the work of the philosopher and political scientist, Eric Voegelin. Attentive to the movement that started in 1979 with the publication of *The new science of Politics*, this text presents the academic reception as well as the general contents of the author's work which was translated into Portuguese and available in Brazil. In addition to the listing of primary works, this research examines the secondary bibliography in order to identify the initial critical perspective of Voegelin's reception in Brazil, situated between the philosophical reflexions of Lima Vaz and Guerreiro Ramo's sociological considerations.

Keywords: Eric Voegelin. Brazilian Reception of the work.

* "Dedicado à memória de Cleides Antônio Amorim".

** Professor de Filosofia e Ciência Política na Universidade Federal do Tocantins – UFT. Bolsista da CAPES. Artigo recebido em 07/03/2013 e aprovado para publicação em 17/08/2013.

Uma reflexão sobre a trajetória de um pensamento no interior de uma cultura pode ser modulada basicamente em dois aspectos: intelectual e material. O primeiro aspecto é evidentemente o mais complexo e trabalhoso para se noticiar, exigindo um espaço maior que um artigo científico; não obstante, algumas alusões a essa dimensão podem ser encontradas ao longo desta reflexão. O aspecto material, por sua vez, pode ser tratado de maneira mais sucinta, sempre tendo claro que a recepção de um pensamento se dá primeiramente no âmbito intelectual, de tal modo que sua materialização em forma editorial se mostra como um momento posterior nessa relação entre cultura e pensamento. Considerando o fazer editorial em sua amplitude, nas questões de tradução, escolha do material, produção e divulgação, pode-se recolher da prática deste ofício um importante referencial compreensivo do debate intelectual nacional, de seus promotores e da corporificação das teses sustentadas. Questões sobre a quantidade de tempo levado por uma cultura para relacionar-se com um pensamento, um autor ou uma tendência externa, revelam não apenas particularidades da identidade nacional, mas também demonstram os pontos de aderência e repulsa do pensamento, da doutrina ou da orientação com que se pretende dialogar.

Os movimentos executados pela intelectualidade nacional em sua ação criativa situam-se como sujeitos provocadores da disseminação de saberes universais produzidos por autores de várias nacionalidades. No esforço de crítica e desvelamento das questões humanas, a transnacionalização das ideias assenta-se como o caminho onde as experiências originais do intelectual nacional comungam com outras experiências epistemológicas em um ato de concepção tangenciado pela miscibilidade. Tais pressupostos são encontrados na trajetória intelectual que as obras de Eric Voegelin vêm realizando nos últimos trinta anos em solo brasileiro, não apenas conferindo ao pensador e a seus avanços intelectivos universalidade, mas também possibilitando a incontáveis leitores uma imersão na literatura voegeliniana a partir do elemento primaz da constituição de todo sujeito, sua língua.

Homem, contexto e obra

A primeira aparição editorial de Eric Voegelin na cena brasileira é de 1979 com a publicação de *A nova ciência da política*, editada na *Coleção Pensamento Político* da Editora Universidade de Brasília, com tradução do diplomata José Viegas Filho e apresentação do vice-reitor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professor José Pedro Galvão de Sousa. Originalmente, *The new science of politics* resulta de um conjunto de preleções sobre “A Verdade e a Representação”, ministradas por Voegelin na Universidade de Chicago durante o inverno de 1951. Conhecida como principal reduto

da tendência científica da filosofia norte-americana, a *Escola de Chicago* lança como diretriz de conhecimento os pressupostos da estatística, da sociologia e da psicologia. Contudo, é contra essa maneira científica de se pensar a política que Voegelin acentua o tom em suas *Conferências Walgreen*, como ficaram conhecidas as teses, devido aos financiamentos da Fundação Charles R. Walgreen.

Com a publicação em 1952 das conferências em forma de livro, *A nova ciência da política* foi considerada a obra mais lida de Voegelin: permaneceu “na lista dos editores por três décadas e teve cerca de doze reimpressões” (SANDOZ, 2010, p. 145). Diferentemente dos impactos causados nos Estados Unidos e Europa, com publicações sucessivas e formação de uma considerável fortuna crítica¹, no Brasil, por razões diversas, as ressonâncias editoriais das questões levantadas por Voegelin ocorrem quase três décadas após a primeira edição estadunidense². Por se tratar de uma obra inaugural em terras tupiniquins, esta é acompanhada por uma apresentação na qual se pode sentir, ao lê-la, não apenas o clima político brasileiro do final da década de 70, mas também uma forte inclinação do apresentador nos seus argumentos a conferir um verniz cristianizante ao trabalho de Voegelin.³ Ao fazer a apresentação, Sousa (1979), com análises e citações pinçadas do conjunto da obra voegeliniana, desloca o pensamento de um autor que se encontrava para além das fronteiras científicas ou religiosas, correndo o risco de impregnar suas reflexões com intuições que lhe são estranhas. Contrário a esta interpretação, Sandoz (2010, p. 38) acentua que a “(...) originalidade de Voegelin é que ele está [em vários graus] em luta com todas as escolas de pensamento. Não se enquadra em nenhuma classificação intelectual. (...) Ele é verdadeiramente um pensador independente”. Tanto é que, em suas *Reflexões autobiográficas*, o próprio Voegelin elenca os estigmas que lhe imputaram ao longo de sua trajetória: “tenho em meus arquivos os documentos segundo os quais sou comunista, fascista, nacio-

¹ A bibliografia secundária sobre Voegelin se caracteriza por matizes muito idiossincráticos. Desde um forte teor heideggeriano, nos textos de Giuseppe Duso e Sandro Chignola, passando por outras perspectivas como a cristianizante de Augusto Del Noce e Alessandro Biral, até os trabalhos de Peter Optiz e Jürgen Gebhardt sobre o jovem Voegelin e o tratamento do império feito por Geoffrey Barraclough. Estes são genuínos exemplos da vitalidade do pensamento voegeliniano. É conveniente também chamar a atenção para as reflexões que têm por prisma a filosofia política de Voegelin, levadas a cabo por Barry Cooper, Dante Germino e Willian Havard Jr. Não menos importantes são as análises sobre a História encaminhadas por David Walsh, Bruce Douglas e Paul Caringela. Para maiores informações conferir: HENRIQUES (2010).

² A obra completa de Eric Voegelin – *The collected Works of Eric Voegelin* – foi reunida pela University of Missouri Press. A edição foi iniciada em 1990 e terminada em 2001, com um total de 34 volumes, e é composta pelas obras, artigos e correspondências de toda a vida do filósofo.

³ Para questões gerais acerca da relação de Voegelin com o cristianismo conferir: FEDERICI (2011), HENRIQUES (2010) e DOUGLASS, Bruce. *A diminished gospel: A critique of Voegelin's interpretation of christianity*. In: MCKNIGHT, Stephen A. *Eric Voegelin's search for order in History*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1978.

nal-socialista, velho-liberal, novo-liberal, católico, protestante, platônico, neoagostiniano, tomista, e, é claro, hegeliano” (VOEGELIN, 2008a, p. 38). Ao praticar uma atividade intelectual dissonante da maneira fronteiriça e beligerante da ciência positiva, seu trabalho agride frontalmente as formas ideológicas de pensamento, seja à esquerda ou à direita; de tal modo, que essa radicalidade contraideológica figura como um dos motivos do pouco efeito das conferências de Chicago na academia brasileira nos idos de 70. No contexto da Guerra Fria, que em seu auge climatizou também a esfera da ciência mundial, ocorre no ambiente científico brasileiro, de forma ampla, certo empalidecimento das análises pouco afeitas aos compromissos metodológicos provenientes do materialismo dialético. Nessa guerra de posições que implode a ciência contemporânea, na qual um sistema epistemológico objetivava o aniquilamento do outro, o método voegeliniano se destaca com muito vigor, pois nasce mirando todas as formas de expressão totalitária, sem se esquecer, de a todo instante, acenar para os vínculos entre o totalitarismo político e o totalitarismo epistêmico. Suas conferências trazem uma das mais importantes críticas do século XX à ciência política, de maneira específica, e ao projeto moderno, de maneira geral.⁴

Após *A nova ciência da política*, foram necessários novamente quase trinta anos para que o leitor de língua portuguesa pudesse ter acesso às *Reflexões autobiográficas*, obra capital para o estudo biográfico de Voegelin. Editada pela É Realizações em sua Coleção *Filosofia Atual* no ano de 2008, com tradução de Maria Inês de Carvalho, a obra se tornou o carro chefe do conjunto do material publicado desde então. No que diz respeito ao plano geral das *Reflexões*, estas resultam de entrevistas dadas pelo autor a Elliz Sandoz no período de junho a julho de 1973, na cidade de Stanford. Além de relatar fatos de sua formação acadêmica, Voegelin narra suas experiências, acompanhado-as de reflexões que preenchem um quadro onde se delinea claramente o espírito de uma época. Nascendo praticamente com o século XX, sua vida foi marcada pelos principais acontecimentos que distinguiram o século das Grandes Guerras. Em forma de testemunho, as reflexões conduzem o leitor para além das especificidades do sujeito narrador, caminhando em direção a uma apreensão filosófica de uma crise

⁴ Importante notar que Voegelin encontra-se inserido em um ambiente de viva discussão sobre o fenômeno político. No grande espectro das ideias políticas contemporâneas, Eric Voegelin representa uma tendência relevante entre outros autores de realce envolvidos nessa reflexão. Para nomear os mais representativos, pode-se acenar para os trabalhos de Isaiah Berlin e para as contribuições de Leo Strauss e Hannah Arendt. Por outro lado, sua *História das ideias políticas* propõe procedimentos epistemológicos que se inserem na disputa entre a chamada *história dos conceitos* e a *história das ideias políticas* que manipula demasiadamente o político em suas premissas. Como principais representantes desse debate conferir: KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à protogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EdUERJ – Contraponto, 1999. POCOCK, John Greville Agard. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: EdUSP, 2003. SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

civilizacional em curso. Como uma epopeia filosófica, sua vida, narrada em conjunto com sua obra intelectual, configura-se como verdadeiro registro de resistência e luta intelectual em meio à degeneração apocalíptica dos totalitarismos de toda natureza. De leitura agradável, as *Reflexões autobiográficas* se dão bem com os neófitos em Voegelin, pois trazem de maneira acessível e direta os dados de sua vida, contexto e obra, narrados em primeira pessoa.

Os lapsos temporais entre a conferência em Chicago, a publicação de *A nova ciência da política* em 1979 e as *Reflexões autobiográficas* em 2008, foram quebrados por uma sequência anual e intensa de edições, abrindo cinco anos de fluxo contínuo e de franco acolhimento editorial das obras finais de Voegelin, bem como de importantes intérpretes de seu pensamento. No mesmo ano editorial das *Reflexões autobiográficas*, a obra *Hitler e os alemães* é editada com tradução de Elpídio Mário Dantas Fonseca e prefaciada pelo professor português Mendo Castro Henriques. Para o melhor entendimento das questões colocadas por *Hitler e os alemães*, devem ser considerados alguns elementos que para o propósito aqui esboçado serão suficientes. No ano de 1938, Eric Voegelin havia sido demitido de sua cadeira docente na Universidade de Viena, fato que se deu em grande medida pela publicação em 1933 de dois de seus livros que versam sobre a questão racial, *Raça e estado* e *A história da ideia de raça*. A postura de Voegelin frente à ideologia nazista causou a destruição completa de seus livros, pondo em risco a sua vida em virtude do acossamento por conta de seu pensamento. Sem ser judeu, livrou-se da Gestapo fugindo para os Estados Unidos, passando antes pela Suíça. Após 20 anos lecionando na Universidade Estadual da Louisiana, Harvard, Bennington College e na Universidade do Alabama, Voegelin retorna para a Alemanha em 1958 após ser convidado pela Universidade de Munique para dirigir o Instituto de Ciência Política e para assumir a cátedra pertencente a Max Weber, que se encontrava vazia desde a morte deste, em 1920. *Hitler e os alemães* se materializa nesse contexto de retorno e reavaliação das posições alemãs no quartel inicial do século XX, sem perder de vista a reconstrução de uma sociedade fruto de um dolorido pós-guerra. Proveniente de um curso semestral ofertado em Munique no ano de 1964, onde passa em debate a noção de identidade nacional alemã, a obra discute as responsabilidades da classe média na formação do nacional-socialismo e em experiências daí derivadas como Auschwitz-Birkenau. Não se furtando ao enfrentamento dos temas tabus para uma sociedade que apenas vinte anos separavam da derrocada hitlerista e do choque holocaustico, Voegelin sugere “que a doença espiritual que causou o problema nazista estava ainda presente na Alemanha do pós-guerra” (FEDERICI, 2011, p. 43). Com essa conclusão, os ânimos se acirraram por parte significativa da imprensa alemã e de alguns colegas na Universidade de Munique, tornando o ambiente nem um pouco agradável. Esta situação forçou-o, em 1969, a retornar para os

Estados Unidos e assumir o título de professor emérito da Universidade de Stanford.

O contexto histórico da década de 1960, em que surgiu *Hitler e os Alemães*, pode de maneira geral ser considerado o mesmo de *Anamnese: da teoria da história e da política*, lançado no Brasil em 2009. O lugar que *Anamnese* ocupa “(...) é central dentro da odisseia intelectual de Voegelin. [Pois] Marca a mudança, da filosofia da história esboçada em *A nova ciência da política* e desenvolvida nos três primeiros volumes de *Ordem e história*, para a preocupação com a filosofia da consciência dos dois últimos volumes, *A Era Ecumênica* e *Em busca da ordem*” (WALSH, 2009a, p. 7). A obra contém reflexões biográficas e meditações epistemológicas redigidas no período de 1943 até 1965, retratando não apenas a ruptura empreendida pelo autor face às filosofias da consciência influentes desde os trabalhos de Husserl, mas servindo-lhe, também, como importante exercício metodológico. Com efeito, possibilita a ele efetivar a última inflexão epistêmica por que passa sua interpretação, agora em direção à ordem da consciência e de suas implicações políticas e históricas.

Ordem e história

No período 2009 e 2010, Edições Loyola realiza a publicação dos cinco volumes de *Order and history*, disponibilizando ao mundo lusófono uma das mais importantes obras da filosofia contemporânea e solidificando de vez a recepção editorial do pensamento de Eric Voegelin, visto que em tais volumes pode-se encontrar o período final de sua produção intelectual concluída em 1985. O plano geral e inicial de *Ordem e história* é a descrição da história da ordem na sociedade humana, e para isso as civilizações do antigo Oriente Próximo serão seu ponto de partida, tendo por princípio interpretativo a concepção de que “a ordem da história surge da história da ordem” (VOEGELIN, 2009b, p. 27). Traduzido por Cecília Camargo Bartalotti, o primeiro volume, intitulado *Israel e a Revelação*, desenha o percurso efetivado pelas civilizações egípcia, mesopotâmica, israelita e helênica em face de questões que dizem respeito à busca do elemento originário.⁵ Para Voegelin, no contexto do Antigo Médio Oriente, o povo de Israel protagonizou um novo tipo de existência: a parceria com Deus na história (HENRIQUES, 2010, p. 81) e, à medida que os nexos míticos perdiam a transparência e faziam empalidecer as ordens parciais da

⁵ No prefácio da obra, Maurice P. Hogan salienta seu alto valor, caracterizando-a como “a mais completa análise filosófica de que dispomos da visão histórica do Antigo Testamento. [Pois] Baseia-se num exame crítico que recorre aos melhores instrumentos exegéticos disponíveis na época”.

existência, cresceu a receptividade para o monoteísmo. Dessa maneira, a conversão sentida trouxe um aumento de conhecimento e uma alteração na estrutura da existência pessoal e social, um “salto no ser”, como aponta Voegelin, possibilitando que a experiência israelita de descoberta da impropriedade das analogias calcadas no *cosmos* causasse uma nova forma de existência da comunidade. Fruto de outra experiência civilizacional, uma nova verdade de tipo noético, acerca da ordem e da história, resultante do rompimento com as construções míticas, possibilitaria outro “salto no ser”, tema do segundo e do terceiro volume de *Ordem e história*. Próximo às preocupações acerca das experiências que ocorrem nas distintas civilizações, o segundo volume, *O mundo da polis*, traduzido por Luciana Pudenzi, concentra-se na interpretação da experiência de busca da ordem efetuada pela *polis*. O volume terceiro, *Platão e Aristóteles*, é aquele em que Voegelin passa em revista — na primeira parte — as obras de Platão e, na segunda, o pensamento de Aristóteles, reconhecendo a contribuição do estagirita para a construção da ciência política, bem como os créditos do legado aristotélico para a teoria do *spoudaios* como a medida da ação certa.

Os planos iniciais traçados para *Ordem e história* sofreram alterações no decorrer das pesquisas quando os resultados até então alcançados foram suficientes para desencadear no interior do pensamento de Eric Voegelin um processo de autocrítica e revisão conceitual, o que permitiu uma forte movimentação epistemológica, representada basicamente pela obra *Anamnese*. Com o adensamento epistêmico-conceitual advindo não apenas dos três volumes iniciais de *Ordem e história*, as questões postas em *Anamnese* constituíram, como dito anteriormente, a última grande inflexão epistemológica operada pela interpretação de Voegelin, revelando a integridade intelectual e os compromissos epistêmicos aprofundados pelo pensador. Um pequeno exemplo da força motivadora que altera o curso de *Ordem e história* pode ser extraído das *Reflexões autobiográficas*:

Na verdade, boa parte das hipóteses teóricas das quais parti quando comecei a escrever *Ordem e história* tornaram-se obsoletas no decorrer desse rápido desenvolvimento das ciências históricas, em especial nas áreas da pré-história e da arqueologia. Quando redigi o primeiro volume de *Ordem e história*, o limite dos meus horizontes eram os impérios do Antigo Oriente Próximo. Identifiquei o simbolismo cosmológico que encontrei ali com o simbolismo imperial da Mesopotâmia e do Egito. Com base na expansão de nosso conhecimento pré-histórico e arqueológico nos últimos anos, posso agora dizer que praticamente todos os símbolos que aparecem no Antigo Oriente Próximo têm suas raízes no paleolítico, atravessando a pré-história por meio do neolítico, datando portanto de aproximadamente vinte mil anos antes dos impérios do Antigo Oriente Próximo (VOEGELIN, 2008a, p. 126).

Os dois volumes finais de *Ordem e história*, *A era ecumênica*, traduzido por Edson Bini, e o volume quinto, *Em busca da ordem*, foram publicados em 2010, fechando a edição brasileira do chamado *Magnum Opus*. As mudanças

na postura interpretativa manifestas tanto nos volumes finais de *Ordem e história* quanto em *Anamnese* tornam visíveis seu afastamento da política concreta, optando por buscar os estágios iniciais da política, aqueles que ocorrem no interior da consciência, uma vez que os “problemas de ordem humana na sociedade e na história se originam na ordem da consciência. Portanto, a filosofia da consciência é a peça central de uma filosofia da política” (VOEGELIN, 2009a, p. 43). Voegelin desenvolve nas obras finais uma apurada filosofia da consciência, que objetiva descobrir a estrutura da realidade, bem como o processo que ilumina a busca filosófica da verdade na consciência humana, ocorrendo, nessa etapa reflexiva, uma exegese do político, em consonância com a análise da consciência. *Em busca da ordem* foi a última obra do pensador, sendo organizada e publicada postumamente em 1987.

O ano de 2012 registra a publicação do primeiro e do segundo volume da *História das ideias políticas*, de um total de oito, que se notabiliza pela quantidade de material crítico reunido ao longo de vários anos. O projeto inicial⁶ era a redação de uma história das ideias políticas que oferecesse uma alternativa aos compêndios de então, estando entre os mais utilizados a *História da teoria política* de George H. Sabine⁷ e os três volumes de história e teoria política de Willian A. Dunning⁸. Os principais elementos de distinção entre a *História das ideias políticas* de Voegelin e os trabalhos de Sabine e Dunning estavam “no tratamento enciclopédico e descritivo que deram [às suas obras, pois se abstiveram] da análise teórica e julgamento crítico, o que estava em primeiro plano no tratamento de Voegelin da filosofia política” (FEDERICI, 2011, p. 62). O período de redação da *História das ideias políticas* se estende de 1939 a 1954, produzindo um manuscrito acumulado de mais de quatro mil páginas, abandonadas pouco antes de sua finalização.

No decorrer do trabalho, foi ficando evidente que a limitação que se impõe a uma história das ideias – a convenção de situar seu princípio na filosofia grega clássica e fazê-la terminar com certas ideologias contemporâneas – era indefensável. (...) descobrira que não se pode versar corretamente sobre a Idade Média e a política medieval sem antes conhecer, muito mais do que eu conhecia à época, as origens do cristianismo; percebi também que a compreensão dos primeiros séculos do cristianismo não é completa sem

⁶ Para melhor compreensão da história da “História” conferir a introdução geral à série redigida por Sandoz e Hollweck que se encontra no primeiro volume da *História das ideias políticas*.

⁷ SABINE, George Holland. *History of Political Theory*. American Publishers Holt, Reinhart and Winston Inc., New York, 1937.

⁸ DUNNING, William Archibald. *A history of political theories: Ancient and Medieval*. New York: The Macmillan Company; London, Macmillan & Co., Ltd., 1902.

_____. *A history of political theories: from Luther to Montesquieu*. The Macmillan Company; London, Macmillan & Co., Ltd., 1905.

_____. *A history of political theories: from Rousseau to Spencer*. The Macmillan Company; London, Macmillan & Co., Ltd., 1920.

um aprofundamento de seu lastro judaico (...). Com esses estudos sobre o contexto israelita, o modelo de uma história das ideias que começa com a filosofia grega já viera abaixo (...). O quadro histórico já se expandira para abarcar os impérios do Antigo Oriente Próximo, dos quais emergiu Israel, que, por sua vez, foi o pano de fundo do cristianismo, e este o pano de fundo das ideias da Idade Média. O modelo de um desenvolvimento linear das ideias políticas, de um suposto constitucionalismo de Platão e Aristóteles, passando por um duvidoso constitucionalismo medieval e culminando no esplêndido constitucionalismo da era moderna, sucumbiu (VOEGELIN, 2008a, p. 101-102).

Das incontáveis conclusões que *História das ideias políticas* alcança, a mais poderosa é aquela que coloca em movimento o projeto de *Ordem e história*, uma vez que seu volume inicial, *Israel e a revelação*, aborda justamente o período que antecede a experiência política grega, avançando compreensivamente para as civilizações orientais e se utilizando dos avanços das pesquisas arqueológicas.⁹

O primeiro volume da *História das ideias políticas – Helenismo, Roma e cristianismo primitivo* – inicia a partir da decadência que acomete na *polis* grega e vai a termo nas obras e implicações políticas do cristianismo apostólico dos primeiros padres da Igreja. Dividida em duas partes, na primeira analisa os entraves compreensivos da trajetória de Alexandre e a consolidação dos reinos helenísticos, bem como a importância do apoliticismo das escolas filosóficas como o epicurismo e o estoicismo que possibilitaram a mudança do paradigma político centrado no conceito *cosmópolis*. Na segunda parte, a ascensão do cristianismo é posta em destaque com ênfase na orientalização do império, no círculo paulino e nos desencadeamentos dos símbolos políticos encontrados na teoria da república de Santo Agostinho.

O segundo volume da *História das ideias políticas – Idade Média até Tomás de Aquino* – inicia com o mapeamento da estrutura geral da Idade Média, buscando as características principais do *Sacrum Imperium*, e, para tanto, centra suas análises nas tribos germânicas com especial atenção aos mitos franco e ostrogodo e ao mito da derrota presente na história tardia das ideias germânicas. A compreensão de Voegelin passa ainda por Gelásio e a separação entre o poder espiritual e o poder temporal, bem como pela reação ocidental à política erigida por Constantinopla. Obra de caráter profundo, o segundo volume destila ainda as ideias políticas encontradas nos três reinos de Joaquim de Fiore, o Cristo intramundano de São Francisco e a *Deliberatio Papae* de Inocêncio III, para finalizar no clímax tomista

⁹ Mendo Castro em sua Introdução geral à edição da *História das ideias políticas* em língua portuguesa assinala que “Voegelin emergiu renovado de sua luta teórica e que desenvolveu um novo método, passando da história das ideias para a análise da experiência da consciência como base de teorização. Em todo o caso, a *História das ideias políticas* jamais se tornou uma *oeuvre dépassée*. Foi antes como que um útero onde se gerou a investigação de Voegelin”.

e na recepção latina de Aristóteles.¹⁰ Por fim, no que tange às obras de Voegelin traduzidas e editadas até então no Brasil, convém noticiar ainda a tradução de uma conferência sobre comunicação proferida em março de 1956, em que o pensador abordou os problemas para a comunicação em uma sociedade plural. As *Bases morais necessárias à comunicação numa democracia* foram traduzidas em 2002 por Francisco G. Heidemann na série monográfica: *Caderno de Ciências Sociais Aplicadas* do Mestrado em Administração da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Das tradições às traduções

Uma ressonância crítica à obra de Eric Voegelin é o que está na base do itinerário desse pensamento em solo nacional: por oposições e aproximações sua exegese filosófica é incorporada nesta parte do continente por ação da *Antropologia Filosófica* de Lima Vaz. Redigida de 1968 à 1972, por ocasião de sua atividade docente nas faculdades de filosofia da UFMG e no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, Lima Vaz protagonizou um fértil debate com o autor de *Ordem e história* que se prolongou continuamente nos oito volumes dos *Escritos de filosofia*.¹¹ Ora reconhece a importância de Voegelin entre os pensadores contemporâneos, por ser o único que “manifesta em sua obra a ambição da procura de um fundamento ontológico para a História que, contrapondo-se a Hegel, aproxima-se da vastidão e da altitude especulativa do desenho hegeliano”¹²; ora, elogia a capacidade que *Ordem e história* tem de “fornecer os marcos indicadores de uma ‘ordem da história’, ordem essa que permitia, afinal, a compreensão da situação atual da história universal”¹³. Lima Vaz, não silencia, porém, suas reservas à concepção voegeliniana acerca do nível da diferenciação noética, que designa a concepção grega da “ordem”, exposta principalmente nos cinco volumes de *Ordem e história*. No contexto de uma reflexão sobre a História e sobre a representação de sua ordem, Lima Vaz, adota um sentido antropológico distinto do de Voegelin.¹⁴ Por

¹⁰ Recentemente saiu a tradução portuguesa de mais dois volumes da *História das ideias políticas*: VOEGELIN, Eric. *História das ideias políticas: Idade Média Tardia*. Vol. III. Tradução de Mendo Castro Henriques. São Paulo: É Realizações, 2013.

_____. *História das ideias políticas: Renascença e Reforma*. Vol. IV. Tradução de Elpídio Mario Dantas Fonseca. São Paulo: É Realizações, 2014.

¹¹ Sobre a bibliografia de Lima Vaz, conferir: LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Bio-bibliografia*. In: PALACIO, C. *Cristianismo e história*. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

¹² LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de filosofia II: ética e cultura*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 179.

¹³ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia filosófica*. Vol. II. São Paulo: Edições Loyola, 1992, p. 100.

¹⁴ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia filosófica*. Vol. I. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011, p. 209.

outro lado, a aproximação de Lima Vaz com Eric Voegelin se encontra na discussão com Hegel em torno do problema de uma 'época absoluta' e na definição de um eixo ontológico que oriente o tempo da História, pois tais questões ocupam – como argumenta Lima Vaz – o centro do pensamento de Voegelin. De maneira sintética podemos dizer que o elemento de maior unidade entre as duas reflexões situa-se em suas propensões ao panorâmico.¹⁵

Sinais concomitantes ao tratamento dos temas e das questões voegelinianas nas obras de Lima Vaz são encontrados nos trabalhos do sociólogo Guerreiro Ramos, que em 1981 publica *A nova ciência das organizações: uma nova reconceituação da riqueza nas nações*. A presença dos temas voegelinianos nos trabalhos de Guerreiro Ramos não é apenas formal. Em sua reflexão o sociólogo brasileiro debate os temas candentes das ciências sociais e econômicas contemporâneas, tendo por fio condutor a Teoria das Organizações e as críticas voegelinianas à racionalidade moderna. Com empunhadura epistemológica afiada, Guerreiro Ramos dialoga com a plêiade da sociologia mundial de então: Weber, a Escola de Frankfurt – em especial Horkheimer e Habermas –, Mannheim e Voegelin. No debate com este último aproxima-se de seu pensamento sem deixar de apontar suas diferenças teóricas.

A partir das reflexões de Lima Vaz e de Guerreiro Ramos, o pensamento e a obra de Eric Voegelin adentram em território brasileiro. Interessante notar nestas relações de vínculos e distanciamentos interpretativos a força da influência comum que está presente na formação de Lima Vaz e Guerreiro Ramos. Para os dois intelectuais brasileiros o pensamento católico do grupo francês *L' Esprit*, chefiado por Emmanuel Mounier, foi um elemento decisivo em suas formações singulares. Cada qual apropriou-se a seu modo dessas propostas, refletindo a unidade onde o aparente distanciar-se mostra na verdade um interesse panorâmico.¹⁶ A amplitude e a profundidade das pesquisas que foram empreendidas por Voegelin e por Guerreiro Ramos tocam-se claramente muito antes da publicação de *A nova ciência das organizações*. Com efeito, pode-se verificar no referencial bibliográfico de obras coetâneas uma sugestiva convergência interpretativa. Em 1949, Guerreiro Ramos apresenta a tese *Uma introdução ao histórico da*

¹⁵ PERINE, Marcelo. *Padre Vaz: a plenitude de uma vida filosófica*. In: _____. *Diálogos com a cultura contemporânea: homenagem ao Pe. Henrique C. de Lima Vaz, SJ*. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 158.

¹⁶ Para as relações de Guerreiro Ramos, Voegelin e Mounier conferir: AZEVÊDO, Ariston. *A Sociologia Antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos*. Tese de doutorado apresentada no Programa de pós-graduação em sociologia política da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. 416 p.

Para Lima Vaz e Mounier, conferir: VILLELA-PETIT, Maria da Penha. *Depoimento sobre Padre Vaz*. In: PERINE, Marcelo. *Diálogos com a cultura contemporânea: homenagem ao Pe. Henrique C. de Lima Vaz, SJ*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

organização racional do trabalho, que é publicada pela Imprensa Nacional um ano depois¹⁷. Nesta obra, o sociólogo brasileiro apresenta uma sociologia do conhecimento aplicada aos estudos de Administração. Por tratar-se de um tema tão singular, a presença de autores como: Platão¹⁸, Spengler¹⁹ e Toynbee²⁰ no timbre epistêmico de Guerreiro Ramos denota uma inteligência muito aproximada da de Eric Voegelin no mesmo período.

Alguns anos antes da publicação das reflexões sociológicas de Guerreiro Ramos, a Editora da Universidade de Brasília disponibiliza a primeira análise centrada basicamente na obra de Eric Voegelin. A coletânea *Filosofia política contemporânea* de Crespigny e Minogue apresenta não apenas Voegelin, como também acessibiliza outros pensadores distantes do universo editorial brasileiro como Leo Strauss, até pouco tempo atrás²¹, Michael Oakeshott e Bertrand de Jouvenel. Nessa coletânea, o capítulo sobre Voegelin coube ao professor da Universidade da Virgínia, Dante Germino, que a partir do conceito platônico de *metaxy* alinhava a introdução à filosofia política do pensador alemão. No ano de 2008, ocorre em São Paulo o primeiro curso livre sobre a obra filosófica de Eric Voegelin, ministrado pelo professor da Universidade Católica Portuguesa, Mendo Castro Henriques, e seus resultados fílmicos e textuais se encontram no livro *Filosofia Política em Eric Voegelin — dos megalitos à era espacial*. Do mesmo autor, em 2010, foi publicada *A filosofia civil de Eric Voegelin*, tese de doutoramento defendida na Universidade Católica Portuguesa no ano de 1992. Nela salienta as peculiaridades de uma filosofia civil que, ao pensar a crise da modernidade, faz emergir os motivos do silêncio que recai sobre a relação entre ordem e transcendência ou, noutros termos, entre representação e verdade.

O livro, *A revolução voegeliniana*, de Elliz Sandoz, vertido para a língua portuguesa em 2010, trouxe “uma suma de todo o *corpus* dos escritos de Voegelin na forma de uma biografia intelectual” (SANDOZ, 2010, p. 15), evidenciando o caráter revolucionário da obra voegeliniana e suas originalidades. Segundo Sandoz (2010), o desenho inicial da obra previa entre outras atividades um trabalho preparatório, que incluía algumas entrevistas, e estas foram recolhidas em 1973, quando Voegelin residia em Stanford e terminava *A era ecumênica*, o quarto volume de *Ordem e*

¹⁷ GUERREIRO RAMOS, Alberto. *Uma introdução ao histórico da organização racional do trabalho: ensaio de sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Departamento da Imprensa Nacional, 1950.

¹⁸ PLATON. *La Republique*. Paris: Librairie Carnier Frères, 1936.

¹⁹ SPENGLER, Oswald. *La Decadencia de Occidente*. 4 vol. Madrid: Espasa Calpe, S.A., 1937.

²⁰ TOYNBEE, Arnold J. *A Study of History*. 6 vol. London: Oxford University Press., 1934, 1939.

²¹ A editora É Realizações, publicou em 2015 a tradução de duas de suas obras: *Perseguição e a arte de escrever e outros ensaios de filosofia política* e *Reflexões sobre Maquiavel*. Está também anunciada a publicação em 2016 pela mesma editora de *Uma Introdução à Filosofia Política. Dez ensaios*. A principal obra de Straus foi, porém, vertida para o português e impressa em Portugal já em 2009: STRAUSS, Leo. *Direito Natural e História*. Tradução de Miguel Morgado. Lisboa: Edições 70, 2009.

história. O resultado das entrevistas²² pode ser conferido no interior de *A revolução voegeliniana*, pois foi a partir delas que Sandoz (2010) avançou e estruturou sua análise de uma experiência revolucionária, considerando-a promotora de “(...) um rompimento radical com as escolas contemporâneas de pensamento e movimentos filosóficos (...)”.

A Revolução Voegeliniana, (...), é mais do que uma nova ciência da política. É uma nova ciência abrangente do homem que, quando unida pelos arranjos de iluminações teóricas dispersas em toda a obra de uma vida, se pode dizer que compõe uma *Philosophiae Hominis Principia Noetica*, um ponto de mudança de direção no entendimento do homem de si mesmo e da verdade da existência (SANDOZ, 2010, p. 265).

O livro *Eric Voegelin: restauração da ordem* (2011), de Michael P. Federici, cumpre muito bem o papel de introduzir criticamente a vida e a obra de Voegelin em sua curvatura política. Bem dividida, assume a narrativa da fase mais madura do pensador, iniciada com a *História das ideias políticas*. Com o recorte proposto, Federici (2011) invariavelmente percorre os temas nobres do pensamento voegeliniano como sua história das ideias políticas, sua nova ciência da política, sua filosofia da ordem e da história e, por fim, sua filosofia da consciência. Entre seus capítulos, o último coloca em destaque as principais críticas que o pensamento voegeliniano vem sofrendo nos últimos anos, como a crítica de David Walsh, a relação de Voegelin com o cristianismo e sua visão do transcendente como abstrato. Federici (2011) inova, ao trazer um glossário de termos voegelinianos, contribuindo enormemente para uma melhor apreensão das questões levantadas por Voegelin, uma vez que o rigor interpretativo e a densidade conceitual de seus estudos obrigaram-no a criar novos conceitos, como *apocalipse metastático* e *revolta egofânica*, bem como a renomear alguns outros tradicionalmente consolidados, como *cosmion*, ou *descarrilamento*, que tomou emprestado de Karl Jaspers. Por fim, como é tradição na literatura voegeliniana, ostenta ao final um importante índice onomástico, mecanismo facilitador de pesquisa e localização conceitual no interior da obra.

Considerações finais

Poucos pensadores na história editorial brasileira tiveram o desempenho que Eric Voegelin vem demonstrando nos últimos cinco anos. Além de suas obras traduzidas até o momento, que prognosticam outras publicações, há um conjunto de importantes livros de análise, também traduzidos, resultado

²² “A transcrição foi lida e corrigida por Voegelin, depois digitada em tempo hábil para formar o documento revisado que acabei intitulado *Autobiographical Memoir* [Memória autobiográfica] de Eric Voegelin e citei *in extenso* em meu livro. Em 1989, o livro recebeu novo título para publicação em separado” (SANDOZ, 2008a, p. 13).

de pesquisas que debatem o seu pensamento a partir do referencial voegeliniano ou em sua oposição. Dispõe-se assim de um conjunto de obras de comentadores provenientes de vertentes sensivelmente díspares. Esses fatores resultam de um esforço editorial que tem se mostrado qualificado para a prática da pesquisa científica, uma vez que não privilegia uma tendência interpretativa no interior da obra voegeliniana, mas recolhe diversas facetas de um rico debate humanístico, sem privilegiar uma ou outra. Ao entregar ao interessado não apenas as obras essenciais do pensador viabiliza o acesso imediato às suas contradições e superações. A publicação das obras concomitantemente à edição da bibliografia secundária, situação em que a obra e a crítica são entregues ao mesmo tempo, manifesta uma ação coordenada do ofício editorial. Estamos diante de um golpe de floreio que sutilmente abre a malha tecida nos teares do preconceito acadêmico e dispõe sobre o tabuleiro epistêmico nacional uma original obra do pensamento humano. Manifesta-se assim a importância da autonomia das casas editoriais frente à lógica da Academia, da Igreja ou do Mercado.

Por fim, a recepção brasileira das obras de Eric Voegelin tende, num curto prazo, a alcançar outros campos do processo científico geral, pois sua inteligência apresenta tamanhas inovações que não seria excessivo assinalá-la como importante referência no reposicionamento epistemológico da ciência, herdeira dos entraves vigentes até a primeira metade do século XX. Ao produzir estudos eruditos de ciência política, filosofia, religião comparada, mitologia ocidental e oriental, economia, linguística, arqueologia, teologia e história, Eric Voegelin oferece ao século XXI uma “*philosophia peri ta anthropolina*”²³, pois afasta-se dos preconceitos cientificistas e pratica um saber interdisciplinar ricamente erudito, que passa pelos campos do saber, minorando o belicismo fronteiriço de antanho, que tantos males tem causado à humanidade.

Cronologia de Eric Voegelin

1901 – Nasce *Erich Hermann Wilhelm Voegelin* em Colônia, na Alemanha, no dia 3 de janeiro. Filho do engenheiro civil Otto Stefan e de Elisabeth Ruehl.

1910 – Transfere-se com a família para Viena na Áustria.

1922 – Conclusão do doutorado em Ciência Política na Universidade de Viena.

1928 – Publica em Tübingen *Da forma da mente americana*.

1932 – Casa-se em 30 de julho com Luise Betty Onken.

²³ “A filosofia do homem” como compreendida por Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco*.

- 1933 – Primeira edição de *Raça e Estado*, editado em Tübingen.
- 1936 – Publica *O Estado autoritário* em Viena.
- 1938 – Demitido da Universidade de Viena pelos nazistas, migra para os EUA e permanece um ano no Departamento de Ciência Política da Universidade de Harvard. Publicação de *As religiões políticas* em Viena.
- 1939 – Muda-se para a Universidade do Alabama e inicia a redação da *História das ideias políticas*, interrompida em 1954.
- 1942 – Em janeiro ingressa na Universidade Estadual da Louisiana – LSU.
- 1952 – Primeira edição de *A Nova ciência da política*, editada em Chicago.
- 1956 – Publicação do primeiro volume de *Ordem e história, Israel e a revelação*.
- 1957 – Edição do segundo volume de *Ordem e história, O mundo da polis*, e do terceiro, *Platão e Aristóteles*.
- 1958 – Retorna para a Alemanha com destino à Universidade de Munique. Assume a cátedra de Max Weber e funda o Instituto de Ciência Política.
- 1964 – Ministra o curso semestral *Hitler e os alemães*.
- 1966 – Lançamento de *Anamnese: da teoria da história e da política* em Munique.
- 1968 – Publica *Ciência, política e gnosticismo* em Chicago.
- 1969 – Retorna para os EUA e concentra suas atividades na Universidade de Stanford.
- 1974 – Aposentadoria e publicação do volume quarto de *Ordem e história, A era ecumênica*.
- 1975 – Edição *Do Iluminismo à Revolução*.
- 1985 – Falece em Stanford, no Estado da Califórnia, em 19 de janeiro.
- 1987 – Quinto volume de *Ordem e história, Em busca da ordem*.
- 1989 – Publicação das *Reflexões autobiográficas*.

Bibliografia

- CUNHA, Martim Vasques da. *Eric Voegelin e a coragem da Filosofia*. Dicta&Contradicta, SP, p. 76 – 86, 12 dez. 2008.
- FEDERICI, Michael P. *Eric Voegelin: a restauração da ordem*. Tradução de Elpídio Mário Dantas Fonseca. São Paulo: É Realizações, 2011.
- GERMINO, Dante. *Eric Voegelin: o “metaxu” da vida humana*. In: CRESPIGNY, Anthony de. MINOGUE, Kenneth R. *Filosofia política contemporânea*. Tradução de Yvonne Jean. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.
- HENRIQUES, Mendo Castro. *Filosofia política em Eric Voegelin — dos megalitos à era espacial*. São Paulo: É Realizações, 2009.
- _____. *A filosofia civil de Eric Voegelin*. São Paulo: É Realizações, 2010.

NEIVA, Horácio Lopes Mousinho. *Nas profundezas do physei dikaion: o direito natural à luz do símbolo em Eric Voegelin*. Arquivo Jurídico – Revista Jurídica Eletrônica da Universidade Federal do Piauí – Periódico acadêmico semestral. Teresina – PI, v. 1, n. 1, jul/dez 2011. Acesso em 5 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.ufpi.br/raj/index/pagina/id/5321>

PASSOS, Eduardo Schmidt. *Eric Voegelin e as Religiões Políticas: o substrato comum entre a religião e a política*. Revista Sol Nascente – Revista do Centro de Investigação sobre Ética Aplicada, v. I, p. 10-18, 2012.

SANDOZ, Ellis. *Introdução*. In: VOEGELIN, Eric. *Reflexões autobiográficas*. Tradução de Maria Inês de Carvalho. São Paulo: É Realizações, 2008a.

_____. *A revolução voegeliniana*. Tradução de Elpídio Mário Dantas Fonseca. São Paulo: É Realizações, 2010.

SOUSA, José Pedro Galvão de. *Apresentação*. In: VOEGELIN, Eric. *A nova ciência da política*. Tradução de José Viegas Filho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.

VOEGELIN, Eric. *A nova ciência da política*. Tradução de José Viegas Filho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.

_____. *Estudos de ideias políticas: de Erasmo a Nietzsche*. Tradução de Mendo Castro Henriques. Lisboa: Ática, 1996.

_____. *A natureza do Direito e outros textos jurídicos*. Lisboa: Vega, 1998.

_____. *As religiões políticas*. Tradução de Teresa Marques da Silva. Lisboa: Vega, 2002a.

_____. *Bases morais necessárias à comunicação numa democracia*. Tradução de Francisco G. Heidemann. PUC-PR / Mestrado em Administração / Série monográfica: “Caderno de Ciências Sociais Aplicadas”. Número 5, abril 2002b.

_____. *Ciência, política e gnose*. Tradução de Alexandre Franco de Sá. Coimbra, Ariadne, 2005.

_____. *Reflexões autobiográficas*. Tradução de Maria Inês de Carvalho. São Paulo: É Realizações, 2008a.

_____. *Hitler e os alemães*. Tradução de Elpídio Mário Dantas Fonseca. São Paulo: É Realizações, 2008b.

_____. *Anamnese. Da teoria da história e da política*. Tradução de Elpídio Mário Dantas Fonseca. São Paulo: É Realizações, 2009a.

_____. *Ordem e história. Israel e a revelação*. Vol. I. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. Revisão técnica de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2009b.

_____. *Ordem e história. O mundo da polis*. Vol. II. Tradução de Luciana Pudenzi. Revisão técnica de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2009c.

_____. *Ordem e história. Platão e Aristóteles*. Vol. III. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. Revisão técnica de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2009d.

_____. *Ordem e história. A era ecumênica*. Vol. IV. Tradução de Edson Bini. Revisão técnica de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2010a.

_____. *Ordem e história. Em busca da ordem*. Tradução de Luciana Pudenzi. Revisão técnica de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2010b.

_____. *História das ideias políticas: helenismo, Roma e cristianismo primitivo*. Vol. I. Tradução de Mendo Castro Henriques. São Paulo: É Realizações, 2012a.

_____. *História das ideias políticas: Idade Média até Tomás de Aquino*. Vol. II. Tradução de Mendo Castro Henriques. São Paulo: É Realizações, 2012b.

_____. *História das ideias políticas: Idade Média Tardia*. Vol. III. Tradução de Mendo Castro Henriques. São Paulo: É Realizações, 2013.

_____. *História das ideias políticas: Renascença e Reforma*. Vol. IV. Tradução de Elpídio Mario Dantas Fonseca. São Paulo: É Realizações, 2014.

WALSH, David. *Introdução do editor*. In: VOEGELIN, Eric. *Anamnese: da teoria da história e da política*. Tradução de Elpídio Mário Dantas Fonseca. São Paulo: É Realizações, 2009a.

Endereço do Autor:

403 Sul Al 23 Lt 29 Qi 12

77015-585 Palmas – TO

marceloscleto@mail.uft.edu.br